

ENTREVISTA

PAULO BERNARDO

WILSON DIAS/ABR



As taxas de juros estratosféricas do Brasil, em 13,75% ao ano, podem se transformar em um trunfo no ano que vem, quando governos do mundo inteiro lançarão mão de todo tipo de medida para escapar da recessão. "Temos espaço para fazer política monetária", disse, à reportagem, o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. "Cortar juros muda a cabeça das pessoas." Ele compara a situação brasileira à dos Estados Unidos, onde a taxa de juros é de 1%. "Eles vão baixar para quanto?" Bernardo revela que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem ouvido queixas sobre a demora da entrada em vigor das medidas anticrise. A seguir, os principais trechos da entrevista.

O governo está satisfeito com a execução das medidas já anunciadas contra a crise?

Estamos convencidos de que estamos fazendo as coisas certas. Mas, de fato, há uma defasagem entre a tomada da decisão, a implementação das medidas e principalmente o efeito na ponta. Quase metade do meu tempo é gasto para ouvir pessoas que relatam problemas. O Guido (Mantega, ministro da Fazenda), deve gastar 90% do tempo com isso. Mas, ao contrário do que ocorre nos países avançados, no Brasil a crise ainda não está espraiada. Temos só alguns indícios.

A queda da venda de automóveis, por exemplo?

Venda de automóveis, exportação de ferro... Mas, por outro lado, as vendas do comércio cresceram 9,4% no ano. Os sinais são contraditórios. A missão do governo é trabalhar para que a desaceleração, que parece estar vindo, seja a menor possível. A orientação do presidente é pôr em marcha uma política anticíclica.

Os srs. estão acompanhando os resultados das políticas do governo na ponta? Temos visto reclamação nos setores de automóveis e no agrícola.

O problema do crédito é geral. Esta semana, conversei com revendedor de automóveis, construtora, cooperati-

vas, pessoal que produz adubo. De maneira geral, o pessoal está reclamando que sumiu o crédito.

O que o presidente Lula está achando da situação?

Ele recebe muita reclamação. Então, cobra de nós. Temos problemas de vários tipos, inclusive operacionais. Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal não têm como aumentar suas operações em 30%, 40% da noite para o dia. Em alguns casos, é problema de funding. O BNDES ultrapassou todas as expectativas de liberação de recursos este ano. Temos de resolver o funding do ano que vem. Não existe uma receita pronta. Vamos continuar zelando pela boa qualidade na política fiscal, fazer política monetária – tem espaço para fazer política monetária, temos uma taxa de juros alta, todo mundo sabe. Mudou o quadro: tínhamos inflação preocupando, mas parece que não temos mais.

Tem espaço para o Banco Central cortar juro? Para este ano, o mercado está achando que não tem mais corte.

O corte de juros vai dar impacto daqui a quatro ou cinco meses, mas muda a cabeça das pessoas. Muda as expectativas. Estou falando com prudência, senão vou levar um puxão de orelhas. A gente tem de respeitar a autonomia do Banco Central.

Acho que eles estão vendendo tudo isso. Nós temos juros de 13,75%. Os Estados Unidos têm 1%. Eles vão baixar para quanto? Menos 3%?

Mas dizem também que o espaço para corte não é assim tão grande porque, apesar da desaceleração econômica, temos o impacto da alta do dólar nos preços, o que é inflacionário.

O dólar cresceu, mas o preço dos produtos em dólar caiu. É o caso do adubo: estava US\$ 1.200 a tonelada, agora está US\$ 600. Então, tem uma compensação. E

"O corte de juros vai dar impacto daqui a quatro ou cinco meses, mas muda a cabeça das pessoas. Muda as expectativas"

bom lembrar que os EUA têm ameaça real de deflação e isso vai impactar os preços mundiais.

Que outros setores precisarão de mais ajuda? Na Europa, as grandes empresas estão todas pedindo socorro.

Somos diferentes da Europa e dos Estados Unidos. Lá, eles estão liberando dinheiro para cobrir rombos causados pela falta de regulamentação e até pela imprevidência.

Nós não temos rombo para cobrir. O que temos de ter é liberação de recursos para a economia continuar funcionando. O risco que tem no Brasil é a falta de crédito estrangular o processo de crescimento.

Insisto: que setores precisarão de ajuda?

Quase todo mundo. A construção civil este ano previa um total de financiamentos de R\$ 12 bilhões, mas vão passar de R\$ 22 bilhões. Temos de resolver isso porque sair de um crescimento vertiginoso para queda é maluquice. As montadoras produziram 25% mais de veículos este ano e venderam quase 28% mais. É um crescimento alucinante. Não dá para manter esse ritmo, mas não podemos deixar cair de tudo.

O crédito ainda está empurrado. Do compulsório liberado para compra de carteiras, R\$ 10 bilhões foram devolvidos ao BC. Tem o que fazer para dar mais fluidez a esse dinheiro?

Acho que temos de ter tranquilidade, paciência e, se precisar, dar uns empurrões. O sistema financeiro tem de cumprir o seu papel. Não é favor, eles ganham dinheiro com isso. Muitas empresas vêm aqui dizer que até o mês passado os bancos estavam correndo atrás delas para emprestar e agora os diretores nem são mais recebidos.

Que empurrões?

O BC tem feito medidas e vai continuar fazendo. Existe uma prudência inerente ao sistema financeiro. E, nesse momento, tem também a persistência de ficar sentado em cima do dinheiro para ver se o vizinho quebra para comprar barato. Temos de perceber onde há um problema, onde há o outro.